

## Estudo da FGV do Rio mostra que pobreza caiu 19,18% de 2003 a 2005

(Não Assinado)

Entre 2003 e 2005, o Brasil viveu um “segundo plano Real” em termos de redução da pobreza. Esta é a conclusão de um estudo realizado por Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais (CPS) da Fundação Getúlio Vargas (FGV) no Rio, que deve ser divulgado nos próximos dias. O trabalho foi realizado em cima dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2005, recém-divulgada.

Segundo Neri, a redução de miséria entre 2003 e 2005, de 19,18%, foi até ligeiramente maior do que aquela ocorrida entre 1993 e 1995, de 18,5%. A proporção de miseráveis caiu de 35,3% para 28,8% entre 1993 e 1995, e de 28,2% para 22,7% entre 2003 e 2005. O economista observa que aqueles dois períodos estão separados por uma década, de 1993 a 2003, de estagnação na diminuição da miséria, que se reduziu apenas de 28,8% para 28,2% da população.

O CPS usa uma linha de miséria própria, que se aproxima da linha de pobreza utilizada por instituições ligadas ao governo. O número de miseráveis em 2005, de acordo com a linha de pobreza do CPS, era de aproximadamente 41 milhões. Para o cientista político Octavio Amorim, da FGV-Rio, a queda da miséria de 2003 a 2005 ajuda a explicar os excepcionais índices de intenção de voto do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, apesar dos muitos escândalos e denúncias durante a sua gestão.

Para ele, existe de fato um paralelismo com os índices de popularidade de Fernando Henrique no início do seu primeiro mandato, quando a pobreza também despencou. No caso de Lula, porém, Amorim vê um efeito ainda maior, por causa da combinação do fenômeno com o perfil de homem do povo do presidente. “Uma coisa é a pobreza cair com um homem requintado, de punhos de renda, como Fernando Henrique; outra é cair com Lula, o que tem uma dimensão simbólica decisiva para explicar porque ele está praticamente reeleito em primeiro turno depois de 14 meses de crise política ininterrupta”, diz o cientista político Neri, do CPS, explica que a pobreza metropolitana e a rural tiveram uma evolução muito diferente de 1993 até hoje. Enquanto no campo a queda no número de pobres foi contínua e mais regular (embora mais rápida nos dois períodos de queda geral), nas metrópoles a oscilação foi muito grande, com grande melhora naqueles dois períodos, e um aumento muito substancial nos dez anos de estagnação.

A miséria rural caiu 10% entre 1993 e 1995, 12,6% de 1995 a 2003, e 12,6% de 2003 a 2005. A proporção de miseráveis no campo era de 62,79% em 1993, caiu para 56,5% em 1995, 52,31% em 2003 e 45,74% em 2005. Já no caso da miséria metropolitana, houve queda de 32% no primeiro período, aumento de 41% no segundo, e nova queda de 23,7% entre 2003 e 2005.

O índice era de 22,16% em 1993, caiu para 15,07% em 1995, subiu para 21,25% em 2003, e voltou a se reduzir, para 16,22% em 2005. “Estes resultados mostram que houve uma grande crise metropolitana de 1993 a 2003”, diz Neri. Ele acha que as muitas turbulências financeiras e cambiais de 1995 a 2001 recaíram mais sobre as áreas metropolitanas, que são mais integradas financeiramente com o mundo, e sentem mais os impactos das altas taxas de juros.

Já as áreas rurais foram protegidas do impacto das crises pelas transferências crescentes das políticas previdenciárias e sociais, como aposentadoria rural, Bolsa-Família e os Benefícios de Prestação Continuada (BPC, voltado a idosos e deficientes). Mesmo os programas que não foram desenhados especificamente para o campo, como o Bolsa-Família e o BPC, atingiram inicialmente os pobres rurais, e só agora começam a chegar com mais intensidades às grandes cidades e às metrópoles, explica Neri.

Link Original: <http://www3.atarde.com.br/brasil/interna.jsp?xsl=noticia.xml&xml=NOTICIA/2006/09/20/1012554.xml>

